

EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL: DESAFIO NA ESCOLA CONTEMPORÂNEA.

Rejane Gomes Ferreira (1) – Mestre em Educação (UFPB)

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do RN
rejanegomes64@hotmail.com*

Resumo: Este trabalho tem como objetivo provocar um pensar sobre as relações amorosas no âmbito escolar a partir de ações que possibilitem um refletir sobre o EU e nossas relações consigo mesmo e com os outros gerando um ambiente de convívio harmonioso. A discussão envolve a realização de um projeto que teve em seu cerne o propósito de desenvolver o espírito de coletividade, cooperação, solidariedade, união e de respeito entre os sujeitos, estimulando uma convivência harmoniosa, resgatando valores e fortalecendo a autoestima, num processo de formação humana integral. Tal projeto partiu, da questão sobre “Como desenvolver uma educação de aceitação e respeito de si mesmo no âmbito escolar, numa sociedade do conhecimento, onde o TER se sobressai ao SER? É possível?”. Tomando como base os princípios dos quatro pilares da educação no século XXI: o aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a conviver e o aprender a ser, observa-se neste trabalho que é possível desenvolver um trabalho educativo com as crianças onde o refletir sobre suas próprias ações possibilitam mudanças de comportamento, onde as emoções são tratadas de forma ressignificativa. Referenciados por Maturana (2009), Freire (2008) e Delors (2012), compreende-se que é possível a realização de um trabalho pautado na reflexão e no diálogo.

Palavras-chave: educação, sensibilidade, convivência.

INTRODUÇÃO

O relatório que a Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI enviou para a UNESCO, no final do século XX, inicialmente conhecido como “relatório Jacques Delors”, aponta como princípios da educação ao longo de toda a vida, quatro aprendizagens essenciais ao desenvolvimento humano, numa perspectiva holística: *o aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a viver juntos (conviver) e o aprender a ser.*

Sendo a educação uma experiência social, na qual o sujeito aprende a relacionar-se consigo mesmo e com o outro, num processo de descoberta de si mesmo, faz-se necessário a aquisição e utilização de saberes cognitivos que promovam o desenvolvimento de habilidades inerentes ao saber fazer, ao conviver e ao ser, entendendo-se que não somente o saber cognitivo fará com que o indivíduo desenvolva-se harmonicamente na sua totalidade.

Conforme as novas exigências da sociedade do conhecimento, onde se multiplicam as possibilidades de acesso às informações, cabe a educação de uma forma geral, permitir aos sujeitos o desenvolvimento de habilidades e/ou capacidades de agir com autonomia e discernimento utilizando o senso de responsabilidade pessoal e coletiva, ou seja, de forma solidária e cooperativa.

Para tanto, é salutar perceber a relação necessária dos saberes cognitivos, sociais e afetivo/emocionais no desenvolvimento humano numa perspectiva de educação integral, que permita ao sujeito a capacidade de selecionar, organizar, gerenciar e utilizar as informações adquiridas, de forma harmoniosa e criteriosa, conforme suas necessidades no âmbito individual e/ou coletivo.

Nessa perspectiva, Delors (2012, p.79), nos incita a pensarmos se “[...] Poderemos conceber uma educação capaz de evitar conflitos ou de resolvê-los de maneira pacífica, desenvolvendo o conhecimento dos outros, das suas culturas, da sua espiritualidade?”

Na tentativa de responder a essa indagação, entende-se que, numa perspectiva humanizadora, a educação precisa destacar as aprendizagens relacionadas ao **aprender a conviver**, considerando-a como uma das mais difícil de ser efetivada no âmbito escolar e por que não dizer, na vida. Contudo, deve ser vista como uma das vias possíveis de minimizar as relações de violência no âmbito social, seja na escola ou fora dela.

Numa sociedade capitalista, onde o TER determina o valor das coisas e das pessoas, em detrimento do SER, onde a competitividade se apresenta nas mais diversas situações cotidianas, fortalecendo as relações de violência entre os sujeitos; em uma comunidade onde a vulnerabilidade social se apresenta em alto grau, onde as pessoas convivem com a marginalidade, com a miséria, com as várias formas de violência humana e as desigualdades sociais, como desenvolver essas aprendizagens basilares necessárias ao desenvolvimento humano numa sociedade do conhecimento?

Compreende-se, portanto, que faz-se necessário uma ação educativa no âmbito escolar que provoque o pensar sobre si mesmo e sobre suas atitudes reativas a determinados comportamentos, as quais vêm gerando ou fortalecendo a violência entre os sujeitos.

Assim sendo, entende-se que será pelo confronto de ideias, de pensamentos, por meio do diálogo, da escuta, a possibilidade de fazer uma educação mais humana e igualitária, considerando que,

“A educação tem como missão, por um lado, transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana e, por outro, levar as pessoas a tomar consciência das semelhanças e da interdependência que existe entre todos os seres humanos do planeta. Desde a mais tenra idade a escola deve, pois, aproveitar todas as ocasiões para essa dupla aprendizagem. [...]Uma vez que a descoberta do outro passa, necessariamente, pela descoberta de si mesmo, e pelo fato de que deve dar à criança e ao adolescente uma visão ajustada do mundo, a educação, seja ela fornecida pela família, pela comunidade ou pela escola, deve, antes de mais nada, ajudá-los a descobrir-se a si mesmos. (DELORS, 2012, p. 79-80).

Nesse sentido, reflete-se com Maturana (2009, p. 32) quando defende que é, “[...] na infância que a criança vive o mundo que se funda sua possibilidade de converter-se num ser capaz de aceitar e respeitar o outro a partir da aceitação e do respeito de si mesma”. Aqui, jaz outra questão: como desenvolver uma educação de aceitação e respeito de si mesmo no âmbito escolar?

Na tentativa de encontrar respostas para tal questão, observam-se em Maturana (2009, p. 31-32) alguns questionamentos, tais como:

[...] como posso aceitar-me e respeitar-me se estou aprisionado no meu fazer (saber), porque não aprendi um fazer (pensar) que me permitisse aprender quaisquer outros afazeres ao mudar meu mundo, se muda meu viver cotidiano?; [...] como posso aceitar-me e respeitar-me se não aprendi a respeitar meus erros e a tratá-los como oportunidades legítimas de mudança, porque fui castigado por equivocar-me?; [...] como posso aceitar-me e respeitar-me se o valor do que faço se mede pela referência ao outro na contínua competição que me nega e nega o outro, e não pela seriedade e responsabilidade com que realizo o que faço?

Nessa perspectiva, corrobora-se com o pensamento de Maturana (2009) quando defende que o amor é o centro da convivência humana, constituindo o outro como um legítimo outro na realização do ser social que tanto vive na aceitação e respeito por si mesmo quanto na aceitação e respeito pelo outro. Nesse contexto, Freire (2008, p. 29), vem nos dizer que, “O amor é uma tarefa do sujeito. [...] ama-se na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais”.

Entende-se, portanto, que as relações de convívio em situações diversas do cotidiano promovem aprendizagens significativas que formam a personalidade da criança. Faz-se necessário uma postura reflexiva sobre os fazeres no mundo, a partir do próprio EU, aceitando-se e respeitando a si mesmo e aos outros.

São muitas e diversificadas as situações de conflitos vivenciadas pelo ser humano desde a mais tenra idade, seja no âmbito social, religioso, político, familiar, econômico, as quais podem gerar atitudes negativas no campo das emoções, dificultando uma relação harmoniosa entre os sujeitos.

Nesse sentido, é perceptível a necessidade e a relevância da realização de ações que contribuam para o resgate de valores humanos como o respeito, a amizade, a honestidade e o amor ao próximo, desenvolvendo, assim, uma educação socioemocional onde os sentimentos

e as emoções sejam percebidas, sentidas e/ou ressignificadas como fazendo parte do processo da formação humana integral.

Considera-se, que o ambiente escolar tem uma função importante de estar instruindo, mostrando caminhos, apontando soluções, proporcionando meios de aprendizagens e reflexão sobre a problemática aqui apresentada. Logo, faz-se necessário que a escola busque e promova um ambiente de aprendizagem constante para o educando, visando suas necessidades e seu total desenvolvimento.

Na tentativa de encontrar respostas ou encontrar caminhos possíveis de minimizar os conflitos sociais entre os estudantes oriundos de uma comunidade que apresenta níveis altos de vulnerabilidade social, foi desenvolvido em uma escola de periferia urbana, um projeto intitulado **“O Eu, o outro e nós: convivendo e respeitando as diferenças”**.

A proposta foi desafiante, considerando que no ensino formal, ainda percebe-se a valorização de conteúdos de base cognitiva, quando os conteúdos de base emocional ficam negligenciados, não sendo dada sua valiosa importância. A proposta pensada foi abraçada por aqueles que se preocupam com a melhoria da educação, ousando em buscar caminhos mais desafiadores, encantadores, prazerosos, tanto para os estudantes quanto para os educadores, num movimento dinâmico de aprendizagem colaborativa ou cooperativa.

A partir de observações feitas pelos professores durante encontros pedagógicos semanais, percebe-se um alto nível de agressividade por parte das crianças, quando uma brincadeira gera um ato de violência, seja no recreio, na sala de aula, na fila da merenda ou em outros espaços e situações diversas, as quais, geralmente, provocam mais violência, levando os pequenos ao julgamento ou punição por parte dos adultos gestores da instituição. Observa-se em algumas crianças a dificuldade que têm de abraçar, de tocar, de sorrir, dificultando uma boa relação humana. Às vezes chegam à escola com uma expressão de desamor, olhando para as pessoas com um olhar de enfrentamento, desconfiado, franzindo a testa.

Em meio a tudo isso e acreditando na possibilidade de uma transformação por meio da expressão de sentimentos, foi pensado um trabalho onde a punição, na escola, possa ser substituída pelo diálogo ou reflexão sobre os próprios erros e acertos.

Nesta ação, busca-se desenvolver habilidades necessárias a uma boa convivência social no âmbito escolar, oportunizando as crianças vivenciarem situações significativas que possibilitem o verdadeiro sentido da amizade, aceitando e respeitando as diferenças do outro,

bem como lidando com a diversidade de sentimentos, explorando suas qualidades, trabalhando as necessidades e superando-as, num processo permanente de formação humana.

Tem como **objetivo geral** desenvolver o espírito de coletividade, cooperação, solidariedade, união e de respeito entre os sujeitos, estimulando uma convivência harmoniosa, resgatando valores e fortalecendo a autoestima, num processo de formação humana integral.

METODOLOGIA

A referida ação envolveu duas turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (4º e 5º ano), totalizando 37 crianças (faixa etária entre 09 a 12 anos de idade).

Inicialmente, as professoras desenvolveram atividades diagnósticas por meio de dinâmicas envolvendo temas específicos relacionados à amizade, a alegria, ao amor, com o intuito de identificar as necessidades mais prementes na relação de convivência das crianças no ambiente escolar e, conseqüentemente familiar. Nestas atividades, foi possível a identificação das dificuldades que as crianças sentem em abraçar, em olhar o outro no olho, em aceitar as suas dificuldades, em aceitar o erro ou até mesmo o acerto, achando-se incapaz de fazer algo positivo.

A partir destas observações, foi definido o tema do projeto, seus objetivos, as temáticas a serem abordadas e os procedimentos metodológicos adequados à obtenção dos objetivos propostos.

Os encontros foram realizados, semanalmente, em forma de oficinas, com horário fixo, utilizando um tempo da h/a, envolvendo dinâmicas de grupos diversificadas sempre a partir de um texto literário, de uma música, de uma dramatização, de uma exibição de vídeo (geralmente curtas metragem), e outros. Todas essas atividades foram consideradas como ação detonadora para a discussão da temática a ser abordada.

A estratégia mais utilizada para a discussão é a Roda de Conversa considerada como um espaço de diálogo entre o grupo, onde eles conseguem ouvir o outro, a dar sua opinião se colocando no lugar do outro.

A inspiração teórica deste trabalho respalda-se em Maturana (2009) com suas ideias sobre a emoção e o amor como indutor da ação humana, em Freire (2008) com as suas ideias sobre a ação dialógica, por meio de conversas, de escutas, por meio de uma relação amorosa com o saber, em Delors (2012), com o princípio da aprendizagem do aprender a viver juntos (conviver).

A avaliação do trabalho foi realizada de forma processual a cada encontro, por meio de instrumentais escritos ou exposição oral. As observações feitas pelas crianças foram registradas em forma de relatórios reflexivos possibilitando uma reflexão sobre a prática docente na ação, além de registros fotográficos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apresentam-se de forma observável nas atitudes comportamentais das crianças no cotidiano escolar, quando mexem com outra criança e buscam conversar com as professoras sentindo-se culpado e arrependido, pedindo para conversar com o outro e esclarecer a situação.

Quando essas mesmas crianças conseguem conversar com qualquer pessoa olhando nos olhos.

Quando em situações de geração de conflitos essas crianças relatam os fatos dando sua opinião sobre o seu agir. O resultado mais gratificante é vivenciar as situações em que essas crianças conseguem olhar nos olhos do outro, aceitar o erro e pedir desculpa. Mais gratificante é perceber o amadurecimento das emoções em situações de vulnerabilidade emocional.

Como extensão deste trabalho, no âmbito da escola, foi definido que, qualquer conflito em sala de aula ou fora dela, deverá ser resolvido em forma de diálogo, em uma roda de conversa. Nessa situação, as crianças vivenciam momentos de pensar sobre o que fez, como fez e porque fez. Dessa forma, proporciona-se às crianças uma postura reflexiva sobre os seus atos, corroborando com Maturana (2009, p. 34) quando diz que: “responsabilidade e liberdade surgem na reflexão que expõe nosso pensar (fazer) no âmbito das emoções a nosso querer ou não querer as consequências de nossas ações”.

Considera-se como resultados positivos os depoimentos de algumas crianças quando questionadas sobre a importância desta ação em suas vidas, ilustradas a seguir:

Criança 01: Graças a esse projeto não tenho mais medo de assumir meus erros. Antes eu era muito chato com meus colegas, mas agora melhorei minha atitude. [...] as atividades desse projeto me mostrou a importância de ajudar o outro, a solidariedade (5º ano).

Criança 02: Eu estou mais calmo e aprendi a perdoar meu colega e a desabafar com ele (5º ano).

Criança 03: Eu aprendi que a gente não deve deixar de ajudar uns aos outros. Esse projeto me fez mudar minhas atitudes, respeitar mais as pessoas. (5º ano).

Criança 04: Graças ao projeto minha vida ficou melhor. Eu estou convivendo mais com a minha família, estou respeitando meus pais, estou mais junto dos meus colegas, quando eles tão brigando eu separo (4º ano).

Criança 05: Eu aprendi nesse projeto a respeitar as diferenças dos outros (4º ano).

Criança 06: Eu mudei muito porque eu me tornei uma criança melhor, ajudando meu amigo e evito falar palavrão (4º ano).

Criança 07: O projeto faz agente se emocionar, tem hora que fica triste, tem hora que fica alegre e feliz com o colega. (4º ano).

Nas falas demonstradas percebe-se o nível de aprendizagem socioemocional desenvolvidas nas crianças, por meio da resolução de problemas, quando eles desenvolvem sua autonomia e seu autocontrole em relação ao outro. Fica evidente, que tais competências precisam estar explicitadas no currículo da escola. Observa-se, portanto, a necessidade de formação docente no campo das emoções, da sensibilidade e do amor, uma vez que, os conteúdos cognitivos se apresentam como condutor de ações didático-pedagógicas sem vislumbrar mudanças no fazer pedagógico. Mas, essa é uma questão para outro artigo...

CONCLUSÕES

Entendemos que o processo de mudança é lento e gradual. Mas, quando nos deparamos com essas situações podemos considerar uma demonstração positiva da ação transformadora do projeto. Compreendemos que estamos no caminho certo buscando a realização de um trabalho pautado nos pilares do aprender a conviver e a ser. Entendemos que esse trabalho precisa ser extensivo a toda comunidade escolar e principalmente aos pais ou responsáveis. Observamos, ainda, a necessidade de nos abirmos ao outro, ao sentimento e a vivência do outro. Esse outro que está tão próximo de nós e muitas vezes não enxergamos como um ser que clama por um olhar, por um toque, por um sorriso, por um afeto. Assim somos nós, sujeitos adultos e profissionais... Assim são nossas crianças... Assim são os pais de nossas crianças...

REFERÊNCIAS

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na educação e na política**. Trad. De José Fernando Campos Fortes. 1ª edição atualizada. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

DELORS, Delors. (Coord.). **Educação: Um tesouro a descobrir** – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 7ª ed. Revisada – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO 2012.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979. Coleção Educação e Comunicação, vol 1.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).